SOBRE O CULTO À SANTÍSSIMA VIRGEM NA IGREJA CATÓLICA

Coleção **Clássicos do Cristianismo**

1. *História de uma alma*, Santa Teresinha
2. *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
3. *Obras completas*, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face
4. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*, São Luís Maria Grignion de Montfort
5. *Revelações do amor divino*, Juliana De Norwich
6. *Diário*, Santa Gemma Galgani

7/1. *Sermões: do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-Feira Santa (vol. 1)*, São João Maria Vianney, o Cura d'Ars

7/2. *Sermões: do Domingo de Quasímodo ao XI Domingo de Pentecostes (vol. 2)*, São João Maria Vianney, o Cura d'Ars

8/1. *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus

8/2. *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus

8/3. *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus

9. *As orações*, Santa Catarina de Sena
10. *Obras completas*, São Luís Maria Grignion de Montfort
11. *O diálogo*, Santa Catarina de Sena

12/1. *Sermões: do Domingo da Septuagésima a Pentecostes (vol. 1)*, Santo Antônio de Pádua

13. *Sobre o culto à Santíssima Virgem na Igreja católica*, São John Henry Newman

SÃO JOHN
HENRY NEWMAN

Sobre o culto à Santíssima Virgem na Igreja católica

Tradução: Tiago José Risi Leme

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Du culte de la Sainte Vierge dans l'Église catholique. Lettre du R.P. Newman, prêtre de l'Oratoire de Saint-Philippe-de-Néri, au docteur Pusey, traduite de l'anglais avec l'autorisation du P. Newman*. Paris: Charles Douniol, 1866.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*
Tradução, apresentação e notas: *Tiago José Risi Leme*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Coordenação de arte: *Danilo Alves Lima*
Diagramação: *Karine Pereira dos Santos*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Newman, John Henry
Sobre o culto à Santíssima Virgem na Igreja Católica / São John Henry Newman; tradução, apresentação e notas de Tiago José Risi Leme. – São Paulo: Paulus, 2022.
Coleção Clássicos do cristianismo.

ISBN 978-65-5562-532-5

Título original: *Du culte de la Sainte Vierge dans l'Église catholique. Lettre du R.P. Newman, prêtre de l'Oratoire de Saint-Philippe-de-Néri, au docteur Pusey, traduite de l'anglais avec l'autorisation du P. Newman.*

1. Maria, Virgem, Santa – Culto 2. Teologia 3. Santos cristãos
I. Título II. Leme, Tiago José Risi III. Série

22-1419 CDD 232.917
CDU 264

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-532-5

APRESENTAÇÃO

Tiago José Risi Leme

1. Contextualização histórica da obra

A presente obra, intitulada em sua edição francesa *Du culte de la Sainte Vierge dans l'Église catholique*,[1] consiste principalmente de uma carta do então padre John Henry Newman, escrita em 1865, ao doutor Pusey,[2] um amigo anglicano, também integrante do Movimento de Oxford,[3] além de outros textos do santo, incluídos nos Apêndices. A finalidade da carta era responder a acusações do doutor Pusey, sobre aquilo que ele e outros anglicanos consideravam exageros do culto católico a Nossa Senhora, como quando afirmou em seu *Eirenicon*, citado por Newman:[4] "Certo número de católicos limita sua piedade ao culto da Santíssima Virgem; pesquisadores sérios estão certos disso" (p. 115).

Deve-se levar em conta que o gênero literário no qual esta carta se enquadra é o da apologética.[5] São John Henry Newman

---

[1] Essa edição, traduzida ao francês por Georges du Pré de Saint-Maur, com a autorização do padre Newman, foi publicada em 1866, por Charles Douniol, Librairie-Éditeur (Paris).

[2] Sobre o doutor Pusey, ver abaixo, p. 15, e Apêndice I, p. 149.

[3] Sobre o Movimento de Oxford, ver abaixo, p. 16-19.

[4] *Eirenicon* consiste numa "proposição destinada a apaziguar dois pontos de vista em conflito". Em seu *Eirenicon,* o doutor Pusey se esforça para encontrar uma base de união entre a Igreja da Inglaterra e a Igreja de Roma.

[5] A apologética consiste na arte, metodologia e ciência relativas à apologia, tendo constituído, primeiramente, a dialética e sendo posteriormente assimilada pela religião cristã. No âmbito da religião, o objetivo de um apologista era pôr em evidência a verdade, em contraposição aos erros de seus adversários em determinada questão ou

foi um grande apologista, e a finalidade do texto era convencer o doutor Pusey, outros membros do Movimento de Oxford e anglicanos em geral – tendo em vista que a carta foi dada à publicação[6] – acerca da verdade, legitimidade e adequação do culto católico a Nossa Senhora, esclarecendo mal-entendidos e dirimindo preconceitos e interpretações descontextualizadas, a partir, sobretudo, de autores patrísticos que trataram do assunto e de considerações sobre as influências e condicionantes culturais e nacionais no culto a Maria. É digno de nota que o então padre oratoriano Newman cita abundantemente os Padres da Igreja para demonstrar a incorruptibilidade de Maria Santíssima, que foi identificada como a Nova Eva desde o período dos assim chamados *Padres apostólicos*; de fato, foi sobre o conceito de Maria como a Nova Eva que ele se fundamentou para defender a questão da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Assim, ele cita textos de São Justino, Tertuliano, Santo Irineu, São Cirilo de Jerusalém, Santo Efrém da Síria, Santo Epifânio, São Jerônimo, São Pedro Crisólogo e São Fulgêncio. Com efeito, a declaração do dogma da Imaculada Conceição[7]

disputa teológica. A apologia se desenvolveu particularmente, ao longo dos séculos, como gênero literário das religiões reveladas (judaísmo e cristianismo), que possuem um complexo sistema de pensamento sobre o homem e o mundo em sua relação com Deus e a eternidade, para o qual se tornou necessário estabelecer regras claras e duradouras de ortodoxia, e definir conceitos e crenças irrefutáveis. A apologética cristã, desde os autores do Novo Testamento, passando pelos autores patrísticos, constituiu-se na arte da demonstração e defesa da fé revelada em Jesus Cristo, de sua origem, credibilidade, autenticidade e superioridade em relação a outras crenças. No catolicismo, essa arte se tornou uma ciência que deu as bases para o estabelecimento da ciência teológica moderna. Cf. "Apologetica", *Enciclopedia Treccani*, disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/apologetica/.

[6] Em sua edição original, a obra foi publicada sob o seguinte título: *A Letter to the Rev. E. B. Pusey, D.D., on his Recent Eirenicon*, by John Henry Newman, D.D., of the Oratory. London: Longmans, Green, Reader, and Dyer, Paternoster Row, 1865, 1866 (third edition).

[7] O dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria foi solenemente definido pelo papa Pio IX, por meio da bula *Ineffabilis Deus*, datada de 8 de dezembro de 1854.

havia sido dada aproximadamente duas décadas antes da redação da carta e certamente era motivo de disputas e divergências teológicas entre católicos e anglicanos, como também entre os membros do Movimento de Oxford.

São muito interessantes e de grande beleza, na carta, a fundamentação teológica e a capacidade argumentativa de São John Henry Newman em sua defesa do culto da bem-aventurada Virgem Maria na Igreja católica e na demonstração de sua Imaculada Conceição. Num Apêndice sobre alguns autores patrísticos que emitiram opiniões contrárias à doutrina católica sobre a Santíssima Virgem, o santo define de modo muito claro, didático e incontestável os critérios de Tradição e doutrina, remetendo aos tempos e aos textos apostólicos os fundamentos teológicos e divinos dos conteúdos e artigos de nossa fé, entre os quais – no caso do presente texto – a verdadeira devoção a Maria Santíssima e sua dignidade de Imaculada Mãe de Deus:

> [...] há ao menos duas maneiras de determinar uma tradição apostólica. Primeira maneira: testemunhos dignos de fé declaram que uma tradição é apostólica; foi isso que se fez em Niceia. Segunda maneira: testemunhas independentes enunciam, em lugares diferentes, uma única e mesma doutrina – por exemplo, Santo Irineu, São Cipriano e Eusébio afirmam que os apóstolos fundaram uma Igreja una e católica.[8]

Ao leitor cabe também observar que, em sua linha argumentativa e visando à persuasão de seu interlocutor, o santo afirma que, diante da definição de Maria Santíssima como a Mãe de Deus, desde o Concílio de Niceia, o conceito da Imaculada Conceição de Maria nada mais é do que uma

[8] Ver abaixo, Apêndice V, p. 169-170.

consequência direta daquele primeiro dogma, de modo que, em sua opinião, muito mais "escandaloso" e de difícil compreensão – para aqueles que se incomodavam tanto com o fato de Maria Santíssima ter sido declarada concebida sem pecado – deveria ser o fato de ela ter sido chamada de Mãe de Deus desde os primórdios do cristianismo:

> Há uma dignidade grande demais para ser atribuída àquela que está também intimamente associada ao Ser eterno, estreitamente unida a ele como uma Mãe a seu Filho? Que dom de santidade, que plenitude, que superabundância de graça, que tesouros de méritos ela deve ter tido, se supusermos – conforme a Tradição permite fazê-lo – que seu Criador os pesou e levou em consideração quando não teve "horror do seio dessa Virgem"? Nesse sentido, é motivo de surpresa que ela seja, de um lado, imaculada em sua concepção e, de outro, que ela seja exaltada como Rainha, tendo na fronte uma coroa de doze estrelas? Alguns por vezes se espantam do fato de a chamarmos de Mãe da vida, da misericórdia, da salvação... Que títulos são esses se comparados ao único nome de Mãe de Deus?[9]

2. Momentos marcantes da vida e da obra de São John Henry Newman

São John Henry Newman nasceu numa família anglicana, em 21 de fevereiro de 1801, em Londres, sendo o mais velho entre seis irmãos, e morreu em 11 de agosto de 1890, em Birmingham (Inglaterra). Foi beatificado em 19 de setembro de 2010, pelo papa Bento XVI, e canonizado em 13 de outubro de 2019, pelo papa Francisco, tendo sua memória litúrgica celebrada no dia 9 de outubro.

---

[9] Ver abaixo, cap. V, p. 84.

Seu pai, John Newman, era banqueiro, e sua mãe, Jemina Fourdrinier, descendente de uma família de huguenotes que haviam emigrado para a Inglaterra. Seu pai era um grande apreciador de música e literatura, menos ligado à religião, de modo que foi da mãe e da avó que o jovem John Henry recebeu uma influência religiosa mais determinante.[10] Estudou na escola de Ealing, nas imediações de Londres, e, por influência do pastor Walter Mayers, no ano de 1816, teve sua "primeira conversão", identificando-se com os princípios do cristianismo protestante. Nesse período, a leitura de dois teólogos anglicanos, Thomas Newton e Joseph Milner, foi decisiva para imprimir nele convicções protestantes radicais e antipapistas.[11]

Em 1817, entrou para o Trinity College, de Oxford, tornando-se colaborador (*fellow*) do Oriel College em 1822. Em 1824, foi ordenado diácono da Igreja anglicana e, em 1825, presbítero, e atuou como vigário da paróquia de São Clemente, em Oxford. Em seus anos de estudo em Oxford, estabeleceu contato com um grupo de teólogos liberais, chamados *noetics*, entre os quais Edward Hawkins e Richard Whately, que tinham como propósito explicar racionalmente os dogmas e a fé cristã.[12] Em 1828, aproximou-se de outra vertente teológica presente em Oxford: aquela da High Church, que tinha especial predileção pelo ritual eucarístico, pelos sacramentos, e considerava com simpatia a tradição católica. Entre os expoentes da High Church, Newman aproximou-se sobretudo de Richard Hurrell Froude (nascido em 1803 e falecido jovem, em 1836, em decorrência de uma persistente tuberculose), que também participaria do Movimento de Oxford e com quem fez uma viagem à Itália, que o marcou

---

[10] Cf. Edward Short, *Newman and his Family*, London/New York: Bloomsbury, 2013, p. 37.

[11] Cf. John Henry Newman, *Apologia pro vita sua*, Milano: Jaca Book, 1995, p. 25.

[12] Cf. David Newsome, *The Convert Cardinals: John Henry Newman and Henry Edward Manning*, London: John Murray, 1993, p. 52.

profundamente, sobretudo em sua passagem por Roma. Na Cidade Eterna, teve contato com o padre Nicholas Patrick Stephen Wiseman, reitor do Colégio inglês e futuro primeiro arcebispo de Westminster após a restauração da hierarquia católica na Inglaterra, ocorrida em 1851.

O estudo dos Padres da Igreja e da história do cristianismo primitivo, bem como seu interesse pelo desenvolvimento da doutrina cristã foram determinantes em sua conversão, de modo que, em setembro de 1843, proferiu seu último sermão como clérigo anglicano, na paróquia Saint Mary, em Littlemore (Oxford). Contudo, só tomou a resolução de converter-se ao catolicismo no outono de 1845 e, no dia 9 de outubro, recebeu os sacramentos da penitência e do batismo pelas mãos do padre passionista Domingos da Mãe de Deus (Domenico Giovanni Barberi),[13] que estava de passagem por Littlemore.[14]

Após a conversão, publica uma de suas obras mais importantes: *Essay on the Development of Christian Doctrine* [*Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*] (1845), que seria alvo de críticas de teólogos católicos americanos e italianos.[15]

Em outubro de 1846, a convite de Nicholas Wiseman, dirige-se a Roma, onde se encontra com o papa Pio IX e se prepara para o presbiterato. Toma a decisão de ingressar na Congregação do Oratório, cujo fundador foi São Filipe Néri, tornando-se padre oratoriano. O papa Pio IX facilitou esse processo de transição, reduzindo para ele e alguns outros recém-convertidos do anglicanismo o período de noviciado.[16] Foi ordenado padre em 30 de maio de 1847, pelo cardeal

---

[13] Beatificado por São Paulo VI em 1963.

[14] Cf. José Morales Marín, *John Henry Newman: la vita (1801-1890)*, Milano: Jaca Book, 1998, p. 163.

[15] Cf. Louis Bouyer, *Newman: sa vie, sa spiritualité.* Prefácio do cardeal Jean Honoré. Paris: Éditions du Cerf, 2009, p. 336-337.

[16] *Ibid.*, p. 344.

Giacomo Filippo Fransoni, prefeito da então Congregação para a evangelização dos povos. Em dezembro do mesmo ano, volta para seu país natal, onde fundará o primeiro Oratório da Inglaterra, na cidade de Birmingham.

Em 1851, quando se restabeleceu a hierarquia católica na Inglaterra e Nicholas Wiseman foi nomeado por Pio IX cardeal e arcebispo de Westminster, os católicos se defrontaram com enorme resistência do protestantismo popular. Nesse contexto de divergências e hostilidades, a voz de Newman em defesa do catolicismo se fez então ouvir.[17]

Na década de 1850, os bispos irlandeses convidam Newman a fundar a Universidade Católica da Irlanda, como uma alternativa à Queen's University of Ireland, que tinha um viés confessional anglicano. Em 1852, ele profere uma série de conferências sobre sua concepção de educação e universidade, sobre a cultura do cristianismo e a conciliação entre ciência e teologia, que dará origem a uma de suas obras mais importantes: *Idea of a University* [*Ideia de uma universidade*].[18]

Em 1864, escreve uma de suas obras magistrais: *Apologia pro vita sua* [*Uma defesa de sua vida*], em resposta a Charles Kingsley, escritor e clérigo anglicano, que o acusava, numa recensão da obra *History of England* [*História da Inglaterra*] publicada na *Macmillan Magazine*, de não estar honestamente comprometido com a verdade. A *Apologia* consiste numa autobiografia espiritual, que reconstitui o caminho de busca da verdade percorrido por Newman, caminho que o levou à conversão. O livro, por sua sinceridade, candura e honestidade de pensamento, como também pela beleza literária e riqueza poética de suas páginas, foi bem recebido tanto por católicos como por anglicanos, possibilitando-lhe uma reaproximação de membros do Movimento de

[17] *Ibid.*, p. 380.

[18] Publicada no Brasil pela editora Ecclesiae (2020).

Oxford que haviam se afastado dele após sua conversão, como John Keble e o doutor Pusey, a quem ele escreveria, em 1865, a carta que integra a presente obra.[19]

Outra de suas obras que merece grande consideração é *The Grammar of Assent* [*A gramática do assentimento*], que consiste num tratado sobre a natureza da fé a partir de uma reflexão sobre a consciência, com vistas a demonstrar como a fé pode ter plausibilidade e como se pode alcançar a certeza das convicções religiosas de modo racional.[20] De fato, o assentimento havia sido posto em questão por pensadores influenciados por filósofos empiristas ingleses, como John Locke, David Hume e John Stuart, em favor de um racionalismo que não admitia a possibilidade de uma crença plausível pelo assentimento.[21]

São John Henry Newman é considerado um grande precursor do Concílio Vaticano II, sobretudo em questões como o primado da consciência (tratado na constituição *Dignitatis humanae*), o ecumenismo, a identidade e a missão da Igreja, o papel do leigo no seio da comunidade eclesial e a denúncia ao relativismo ético.[22] Também sua valorização e profundo conhecimento dos Padres da Igreja (como se pode perceber na

---

[19] Cf. Louis Bouyer, *op. cit.*, p. 457.

[20] Cf. Jean Honoré, *La pensée de John Henry Newman*: *une introduction,* Mayenne: Éditions Ad Solem, 2010, p. 96-97.

[21] O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* apresenta três acepções para a palavra "assentimento", de um ponto de vista filosófico: "1) para o estoicismo, julgamento da alma que confirma a veracidade dos dados oferecidos pelos sentidos quanto à existência ou às qualidades de determinado objeto, estabelecendo uma convicção positiva a respeito do caráter não enganoso da evidência empírica; 2) para a escolástica, convicção a respeito da existência do Ser divino, que se distingue do conhecimento comum por não ser movida por uma evidência empírica, mas por uma escolha voluntária e imotivada; 3) na filosofia moderna, aceitação da verdade de uma proposição". Na obra de Newman, parece ser a segunda e a terceira acepções aquelas de que se trata.

[22] Cf. São João Paulo II, Discorso ai partecipanti al Simposio nel Centenario della morte del Cardinale John Henry Newman, 27 abr. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/april/documents/hf_jp-ii_spe_19900427_card-newman.html.

presente obra acerca do culto católico à Mãe de Deus) foram uma contribuição significativa dele para que o Concílio Vaticano II se impusesse como um paradigma no resgate às fontes dos Pais e Mães da Igreja.

Os papas do século XX tiveram o cardeal Newman em grande estima, como Pio XII, que confiou, certa ocasião, ao filósofo francês Jean Guitton: "Certamente Newman será um dia doutor da Igreja".[23] São João XXIII o definiu como "fervoroso buscador da verdade".[24] São Paulo VI, num discurso de 7 de abril de 1975, evidenciou a "profecia" do cardeal inglês sobre os riscos do liberalismo e do relativismo para a vida espiritual: "Newman se torna hoje um farol luminoso para todos aqueles que estão em busca de uma orientação precisa e de uma direção segura através das incertezas do mundo moderno – um mundo que ele mesmo havia profeticamente previsto".[25] O papa Bento XVI, em seus anos de estudo e de atividade intelectual, foi um grande leitor da obra do cardeal Newman, cujas ideias sobre o primado da consciência influenciaram de modo significativo seu pensamento teológico.[26] Foi o mesmo Bento XVI quem, em sua viagem apostólica à Inglaterra, beatificou o cardeal inglês, em 19 de setembro de 2010, no Oratório de Birmingham, onde se encontram os restos mortais do santo. O pontífice alemão

---

[23] Cf. "Newman al Meeting di Rimini", em oratoriosanfilippo.org, disponível em: <https://web.archive.org/web/20150924061340/http://www.oratoriosanfilippo.org/22-08-2011.html>.

[24] Citado em: John Henry Newman, *Gesù: pagine scelte*, a cura di Giovanni Velocci, 2ª ed., Milano: Paoline, 1992, p. 32, nota 60.

[25] Citado por Evandro Botto e Hermann Geissler, "Introduzione – Una ragionevole fede. Logos e dialogo in John Henry Newman", The International Center of Newman Friends, disponível em: <http://www.newmanfriendsinternational.org/bibliography/introduzione-una-ragionevole-fede-logos-e-dialogo-in-john-henry-newman/>.

[26] Cf. Joseph Ratzinger, Discorso di Sua Eminenza il Card. Joseph Ratzinger in occasione del centenario della morte del Card. John Henry Newman, 28 abr. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900428_ratzinger-newman_it.html.

assim se referiu ao novo beato, enfatizando sua defesa de uma formação profunda, do ponto de vista intelectual e espiritual, dos leigos – que são, como tem frequentemente salientado o papa Francisco, o futuro da Igreja –, a fim de que saibam realmente "dar razões da própria esperança" (cf. 1Pd 3,15):

> O serviço específico ao qual o Beato John Henry Newman foi chamado exigiu a aplicação de sua inteligência sutil e de sua obra fecunda a favor de muitos dos mais urgentes "problemas do dia". As suas intuições sobre a relação entre fé e razão, sobre o espaço vital da religião revelada na sociedade civilizada, e sobre a necessidade de uma abordagem da educação vastamente fundada e a amplo raio, não foram apenas de profunda importância para a Inglaterra vitoriana, mas continuam ainda hoje a inspirar e a iluminar muitos em todo o mundo. Desejo prestar homenagem à sua visão sobre a educação, que tanto fez para plasmar o "ethos", a força que está na base das escolas e dos institutos universitários católicos de hoje. Firmemente contrário a qualquer abordagem redutiva ou utilitarista, ele procurou alcançar um ambiente educativo no qual a formação intelectual, a disciplina moral e o empenho religioso produzissem juntos. [...] E, na realidade, qual meta melhor poderiam propor-se os professores de religião, do que aquele famoso apelo do Beato John Henry para um laicato inteligente e bem instruído: "Quero um laicato não arrogante nem polêmico, mas homens que conheçam a própria religião, que entrem nela, que saibam bem onde se erigem, que saibam o que creem e não creem, que conheçam de tal modo o próprio credo que dele prestem contas, que conheçam bem a própria história para poderem defendê-la" (*The Present Position of Catholics in England*, IX, 390).[27]

[27] Papa Bento XVI, Homilia na Santa Missa com a beatificação do Venerável Cardeal John Henry Newman, Cofton Park de Rednal – Birmingham, 19 set. 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20100919_beatif-newman.html.